



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Sociedade dos mitos vivos

Ainda nos dias de hoje é impressionante imaginar que a teoria Keynesiana - com sua defesa da presença do Estado na economia -, os labirintos da reflexão psicológica e a fragmentação da subjetividade, com que Virginia Woolf ajudou a dinamitar o típico romance realista do século XIX, e a potência das imagens de E. M. Forster, tão bem aproveitadas pelo cinema, tenham tido origem tão próxima.

Pois tiveram.

Os tentáculos da educação inglesa, os séculos de acumulação do conhecimento, que geraram portentos como Oxford e Cambridge, em que Trinity e King's College parecem ser suas mais impecáveis traduções, juntou sob suas asas, no começo do século XX, um grupo de rapazes que contava com nomes como Lytton Strachey, Leonard Woolfe e Clive Bell. Por uma dessas inexplicáveis artimanhas do destino, o grupo ganhou a companhia de Thoby Stephen, irmão de Vanessa, futura senhora Bell e de Virgínia, que em alguns anos assumiria o sobrenome do marido, Woolf.

Este é o ponto de partida do que se convencionou chamar nas décadas seguintes de Grupo de Bloomsbury. Em breve, eles teriam a companhia de John Maynard Keynes e Forster, autor de *Uma passagem para a Índia* e *Howards End*, entre outras obras. Ambos, alunos do King's College e membros do Cambridge Apostles - a Cambridge Conversation Society -, grupo que discutia temas relacionados à vida intelectual no ambiente da universidade.

Após a morte de seus pais, os irmãos Stephen passam a ter em

Vanessa, a filha mais velha, a responsável pelas decisões mais importantes da família. Assim, em pouco tempo, ela negocia a antiga propriedade do clã, que passa então a viver na Garden Square, no West Central 1, bairro de Londres também conhecido como Bloomsbury. É lá onde passam a receber seus convidados. Em sua maioria, recém-saídos de Cambridge, os rapazes frequentam a casa dos Stephen nas noites de quinta, quando Thoby promove animadas discussões literárias. Já as noites de sexta são ocupadas pelo Clube da Sexta, uma reunião de artistas promovida por Vanessa. A soma dos participantes destes dois eventos será o ponto de partida para o Grupo.

Rapidamente as relações vão se estabelecendo entre seus membros, e em meio a um ambiente libertário, em que não são poucas as trocas de casais e a simultaneidade de parceiros, são lançadas as bases de seus futuros projetos profissionais.

Afora Keynes, Virgínia e Forster, figuras de ponta em qualquer lista séria que se faça a respeito da intelectualidade inglesa do século XX, o grupo contava ainda com Duncan Grant e Roger Fry, grande nome da crítica de arte na Inglaterra e posteriormente curador do Metropolitan em Nova Iorque. Fry teve influência decisiva na análise da produção pós-impressionista, tendo sido peça fundamental no trabalho de Duncan e de Vanessa Bell, com os quais chegou a trabalhar conjuntamente nas Oficinas Ômega, uma idéia brilhante do crítico que reunia artistas para realizar projetos de móveis e objetos em troca de uma pequena remuneração que lhes permitia

Ao se somar formação intelectual de alto nível a uma geração de talentos notáveis, haverá de permanecer, por décadas a fio, o efeito acumulado das relações entre grupo e indivíduo, o somatório de esforço e talento, de condições e ambientes propícios a desenvolvê-los

criar sem se preocupar com a escassez material.

As obras de Fry e Vanessa Bell podem ser conferidas no importante acervo da The Courtauld Gallery, em Londres. Além de sua obra, Duncan segue sendo lembrado como o grande objeto de desejo de diversos membros do grupo – o que é corroborado por seus relacionamentos com Vanessa, com quem teve uma filha no Natal de 1918, Adrian Stephen, irmão mais novo da família, além de Keynes e Lytton Strachey.

Lytton é outra figura importante a freqüentar o Bloomsbury. Também membro dos Cambridge Apostles, é reconhecido como um grande biógrafo, tendo se notabilizado por seu trabalho sobre a Rainha Vitória, e pelo sarcasmo que injeta no gênero, ao lidar em seus relatos com os hábitos da aristocracia inglesa. É belíssima a performance de Jonathan Pryce vivendo Lytton em Carrington, filme de Christopher Hampton, de 1995, a respeito da relação do escritor e da pintora Dora Carrington, interpretada por Emma Thompson.

As reuniões do Bloomsbury foram um tremendo impulso ao modernismo inglês. Ao debater temas como a crítica ao realismo materialista na ficção e nas artes, e a oposição ao conservadorismo da era vitoriana, estabeleceram novos parâmetros que ajudaram a formatar a efervescência cultural das primeiras décadas do século passado. Afóra isso, a defesa da liberdade sexual, dos direitos políticos das mulheres, e seu antibelicismo declarado, trouxe ao grupo o amadurecimento necessário para estabelecer um cor-

po de pensamento novo e desafiador às tradições vigentes. Muito dessas posturas se devem ao efeito cumulativo das discussões do grupo sobre questões como a ética, a estética e a filosofia, influenciadas em muita medida pela filosofia analítica de G.E. Moore e Bertrand Russell.

Os frutos dessa trajetória, das trocas entre seus membros, além de sua produção intelectual e artística, renderam ainda empreendimentos como a Hogarth Press, editora fundada por Virginia e Leonard Woolf em 1917, que lançaria nomes como T.S. Elliot e Katherine Mansfield, além da tradução inglesa das obras de Sigmund Freud. Keynes, por sua vez, além de brilhante economista, acabaria se configurando nos anos seguintes como um grande apoiador dos artistas do grupo, e das artes em geral, tornando-se peça fundamental em associações de escritores e de artistas plásticos, chegando a ocupar nos anos 1940 a presidência do The Arts Council, umas das principais agências de fomento às artes do Reino Unido.

Esse tempo de reflexão e produção intensa que teve lugar em Bloomsbury, em muito afirma a equação mais bem acabada do ambiente cultural de uma nação. Ao se somar formação intelectual de alto nível a uma geração de talentos notáveis, haverá de permanecer, por décadas a fio, o efeito acumulado das relações entre grupo e indivíduo, o somatório de esforço e talento, de condições e ambientes propícios a desenvolvê-los. Em sociedades assim, são mais claros os significados da palavra legado. ¶